

Rolleberg, Denise*. O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

Jean Rodrigues Sales

Desde a sua eclosão em 1959, a revolução cubana atraiu os olhares dos revolucionários latino-americanos, causando grande debate entre as esquerdas do continente. O grupo de Fidel Castro, ao entrar em Havana e, mais ainda, ao declarar o caráter socialista da revolução, colocou em xeque formulações e práticas políticas adotadas pelos comunistas desde o início do século XX, que eram tributárias da tradição da III Internacional Comunista (IC). Fidel e seus homens fizeram uma revolução socialista, por meio de uma guerra de guerrilhas, sem a liderança de um partido comunista, a poucas milhas da costa norte-americana. O processo revolucionário cubano – por essas características singulares – causou discussões e crise nas esquerdas do continente, particularmente entre os comunistas, que, naquele momento, propunham-se a fazer uma revolução democrático-burguesa de um modo pacífico. Ao mesmo tempo, empolgava os militantes de uma nova esquerda que se engendrava e que logo romperia com os limites da IC.

No Brasil, a revolução cubana foi recebida em meio a uma grande efervescência política e social, num momento em que Gorender chegou a apontar como o “ponto mais alto das lutas dos trabalhadores brasileiros neste século, até agora. O auge da luta de classes, em que se pôs em xeque a estabilidade institucional da ordem burguesa sob os aspectos do direito de propriedade e da força coercitiva do Estado” (1998, p. 73).

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 11	269-274	2005
------------------------	---------------	-------	---------	------

Nesse quadro de lutas, a revolução cubana aparece em vários debates em voga nos anos de 1960, como nas discussões sobre a revolução brasileira, a estagnação e a dependência econômica e o problema agrário no Brasil. Nos três casos, o processo revolucionário cubano é apontado, por setores progressistas da sociedade, como exemplo a ser seguido para a superação dos problemas do país. Entre os conservadores, ao contrário, o que havia acontecido em Cuba era visto como o perfeito exemplo do que não se deveria fazer por aqui. Além disso, de uma forma mais ampla, os revolucionários cubanos povoavam o imaginário dos jovens brasileiros, que iniciavam a sua militância política sob as duras condições de uma ditadura militar. Essa nova geração de militantes, longe de enxergar no assassinato de Che Guevara, na Bolívia, um prenúncio dos tempos sombrios que se abateriam sobre aqueles que lutavam contra as ditaduras implantadas na América Latina nos anos de 1960, preferiu reverenciar e seguir o exemplo do revolucionário argentino, que, depois de participar da revolução em Cuba, partia para o sonho de libertação de todo o continente do imperialismo norte-americano, mesmo que, para isso, tivesse que pagar com sua própria vida.

As relações das esquerdas brasileiras com a revolução cubana, no panorama acima, são apontadas, pelos trabalhos especializados na temática, como um dos elementos fundamentais para o entendimento das definições ideológicas e da prática política dos grupos que atuaram nos anos de 1960, particularmente daqueles que pegaram em armas contra a ditadura militar. Nesse sentido, o livro de Denise Rollemberg vem preen-

cher uma lacuna, já que ele é um dos primeiros a tomar a questão como objeto específico de reflexão histórica.¹

Denise Rollemberg, autora que já havia se aproximado do tema em sua tese de doutorado (Rollemberg, 1998), ao tratar da experiência do exílio vivida pelos brasileiros banidos do país entre as décadas de 1960 e 1970,² dedica agora um estudo específico às relações orgânicas entre setores das esquerdas brasileiras e a revolução cubana. O novo trabalho volta-se para a investigação do treinamento de guerrilheiros brasileiros em Cuba, durante as décadas de 1960 e 1970, mostrando como o regime daquele país, em sua tentativa de *exportar a revolução*, estabeleceu relações com vários grupos revolucionários brasileiros.

No período anterior ao golpe de 1964, os cubanos teriam mantido contatos com as Ligas Camponesas. Logo após o golpe, seria a vez da aproximação com Leonel Brizola e com o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). Com o fracasso das duas tentativas de desencadeamento de guerrilha no país, o regime cubano passou a oferecer treinamento guerrilheiro para vários grupos da chamada esquerda revolucionária brasileira, principalmente para a ALN (Ação Libertadora Nacional) – que, representada pela figura emblemática de Carlos Marighella, recebia uma atenção especial dos cubanos –, para a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e, para o MR-8 (Movimento Revolucionário – 8 de outubro).

¹ Do que havia sido publicado antes do livro de Denise Rollemberg, podemos lembrar aqui de um ensaio de Emir Sader, de 1991, em que o autor já levantava importantes questões para o entendimento das relações das esquerdas brasileiras com a revolução cubana, e do livro de Luiz Alberto Moniz Bandeira, de 1998, que, tratando das relações dos cubanos com a América Latina desde o século XIX, acaba lançando luz sobre a problemática brasileira.

² Particularmente sobre relações das esquerdas com Cuba, ver as pp. 234-240. A tese de doutorado foi publicada, em 1999, pela editora Record.

A autora, amparada por várias entrevistas com militantes que participaram do treinamento em Cuba e por documentos consultados no Departamento de Ordem Política e Social e no projeto “Brasil: Nunca mais”, faz uma boa reconstituição histórica da forma como era realizado o treinamento guerrilheiro. A escolha dos militantes, o itinerário até chegar à ilha e a dinâmica das aulas em seus aspectos políticos e militares são alguns dos temas tratados no livro.

Além das questões acima, Denise Rollemberg discute outros elementos que, talvez, constituam a parte mais importante da pesquisa. É o caso, por exemplo, da polêmica ajuda financeira dos cubanos aos revolucionários brasileiros e o da mística que envolvia a ida dos militantes para o treinamento guerrilheiro na ilha. Como lembrou um ex-militante da ALN, Domingos Fernandes,

“as pessoas iam para Cuba achando que voltariam como comandantes guerrilheiros. (...) Tinha muita mitologia sobre isso, porque os cubanos passaram uma idéia para as organizações da América Latina que você ia lá, passava um período, fazia um treinamento e voltava meio Che Guevara, meio comandante..”. (Rollemberg, 2001, p. 43)

Outra discussão importante levantada é a da eficácia política e militar dos cursos oferecidos em Cuba. Aqui a autora concorda com interpretações feitas por ex-militantes que ressaltam: talvez mais do que eficácia militar, o treinamento servia para dar autoconfiança ao grupo, para potencializar e consolidar certezas que seus integrantes já levavam consigo para a ilha de Fidel Castro e Che Guevara. Nas palavras de um dos participantes do treinamento: “a mística que o envolvia levava à crença de estar preparado e dava a coragem para o enfrentamento. É nesse sentido que era importante e eficaz” (*idem*, p. 66).

Enfim, no que diz respeito aos estudos sobre as esquerdas comunistas na década de 1960, o livro de Denise Rollemberg traz uma importante contribuição, na medida em que toca em um problema teórico que, talvez, esteja longe de ser resolvido nesse campo de pesquisa. A questão diz respeito exatamente ao significado político do relacionamento estabelecido entre grupos comunistas nacionais e os chamados centros revolucionários internacionais. Em outras palavras, a pergunta que persiste nos estudos sobre o tema – esperando uma resposta talvez mais adequada do que a que tem sido dada até o momento – é em que medida pode-se dizer que um centro revolucionário influencia as formulações teóricas e a prática política de partidos e grupos nacionais? Ou, ainda, o que significa, para a atuação dos comunistas brasileiros, a filiação oficial a determinado centro?

Não é o caso nem o lugar para responder as questões acima. Apenas as levantamos para ressaltar que talvez um bom caminho para lidar com o problema esteja em trabalhos como esse de Denise Rollemberg. Ao analisar historicamente a relação de grupos revolucionários brasileiros com o regime cubano, acaba lançando luz e contribuindo para o aprofundamento das discussões em torno de tema tão controverso como o do relacionamento dos comunistas com os centros revolucionários internacionais, sejam eles ex-URSS, China ou Cuba.

Referências Bibliográficas

GOENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5^a. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel*. A revolução cubana e a América Latina.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*. Entre raízes e radares. Tese de doutorado, Niterói/RJ: UFF, 1998.ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*. Entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SADER, Emir. “Cuba no Brasil: influências da revolução cubana na esquerda brasileira”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. *História do marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, v. 1, p. 157-183.